
As naturezas das coisas

Iacy Silvera¹

Resumo: Este artigo foi escrito a partir de minha tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia intitulada: *(ECO)LOGIAS DO CUIDADO: Saúde, natureza, e sociabilidade em Serra Grande, Uruçuca – BA (2020)*. Trata-se de um breve resumo de uma etnografia sobre como as “coisas” (Ingold, 2012) especialmente relacionadas à saúde e cuidado em diversas formas, se correlacionam com o território e os distintos modos de habitá-lo, reformulando, concepções sobre Natureza e Meio ambiente, bem estar, qualidade de vida, cuidado de si, do outro e do mundo na emergente Vila de Serra Grande, no Sul da Bahia..

Palavras-Chave: Natureza; território; saúde.

Abstract: This article was written from my doctoral thesis submitted to the Postgraduate Program in Anthropology at the Federal University of Bahia entitled: *(ECO)LOGIES OF CARE: Health, nature, and sociability in Serra Grande, Uruçuca - BA (2020)*. This is a brief summary of an ethnography on how the "things" (Ingold, 2012) especially related to health and care in various forms, correlate with the territory and the distinct ways of inhabiting it, reformulating, conceptions about Nature and Environment, well-being, quality of life, care of self, the other and the world in the emerging Village of Serra Grande, in the South of Bahia.

Keywords: Nature; territory; health.

¹ Pesquisadora envolvida com desenvolvimento comunitário, empoderamento social, racismo ambiental, e resistência em culturas locais na Bahia. Atualmente pesquisa Pesca artesanal feminina no Sul da Bahia, pela Universidade de San Diego, e desenvolve pesquisa sobre as mudanças socioambientais da construção e operação do Porto Sul na região do Sul da Bahia, pela Universidade de Ottawa.

Introdução

A Vila de Serra Grande, distrito de Uruçuca, localizada no Sul da Bahia, vem se destacando como um importante centro de terapias alternativas no circuito transnacional das religiosidades nova era (Tavares e Caroso, 2018), especialmente das chamadas terapêuticas holísticas e alternativas desses circuitos. Esse cenário está presente na região há aproximadamente três décadas, atraindo pessoas que se interessam e buscam por novas formas de viver e de se relacionar. O autoconhecimento, a preservação da natureza e da saúde por meio de práticas corporais diversas, consumo de alimentos, produtos orgânicos e biodegradáveis são algumas características que marcam atualmente o lugar e que chegaram junto com os novos moradores nesses últimos trinta anos. Entretanto, esses modos de habitar (Ingold, 2000) contrastam com os modos de habitar “tradicionais”, anteriores a esse movimento nova era, em que as solidariedades locais eram importante garantia de saúde e bem-estar. As diferentes formas de se relacionar com a natureza, consigo mesmo, com as pessoas em convivência comum e com o território propiciam novas formas de cuidado e concepções de saúde que são produzidas e atualizadas nessa localidade.

As Serras Grande

Até a década de 1990, Serra Grande era apenas uma pequena vila de pescadores e pequenos agricultores que viviam em acordos de meeiros com donos de terras na região. Com cerca de trezentos moradores à época, a pacata vila mantinha um aspecto familiar entre seus habitantes que, em sua maioria, estavam vinculados por laços de consanguinidade ou afinidade. Porém, nos últimos trinta anos, a vila passou a receber um grande fluxo de pessoas – aproximadamente seis mil novos moradores – que para lá migraram no intuito de desenvolver seu próprio processo de vida saudável ou de cura e de sua família por meio da educação, da alimentação, do estilo de vida, de práticas de espiritualidade e terapêuticas diversas. E, ao mesmo tempo, para auxiliarem outras pessoas nesse processo de cura com técnicas terapêuticas, conversas, conselhos, partilha de experiências ou sentimentos e uma convivência mais amorosa com estas pessoas que partilham o lugar, com a natureza, consigo mesmo e com o planeta.

Porém, o cenário que se observa “do outro lado da ponte”², é bastante diverso e controverso. Lá, outras formas de cuidado “vazam” para além dos corpos orgânicos (tal como concebidos pela biomedicina) ou do “self” (no sentido da espiritualidade nova era), alcançando outros agenciamentos do cuidado, isto é, para além – ou aquém – dos males fisiológicos ou da cura espiritual definidos nos termos das práticas (eco espiritualizadas) na Vila Alta. A preocupação com as condições de existência que envolvem a saúde, alimentação, educação e integridade física são priorizadas na busca por sobreviver por uma boa parte da população de Serra Grande. As práticas de cuidado no Bairro Novo são em grande medida voltadas nesta direção.

Em Serra Grande, saberes populares, nova era e biomédico disseminam-se pela localidade. Eles são popularizados, espalhados, misturados, reformulados, rompendo limites biomédicos, religiosos, conceituais, institucionais, subvertendo as técnicas de cuidado em um emaranhado de transformações constantes. Assim, a ideia de agenciamentos do cuidado (Tavares, 2017) parece descrever uma noção de cuidado muito mais ampliado, que abrange corpo, espírito, cultura, condições do existir, incorporando agentes diversos na concepção do bem-estar existencial.

Essa diferenciação entre os dois lados da ponte, colocada especialmente pelos que se autodesignam “nativos”³, é reafirmada no intuito de marcar a diferença como constituinte de seus próprios modos de ser e estar no mundo e em Serra Grande. Do outro lado, na Vila Alta, o grupo se subdivide. Denominados em geral como “forasteiros” pelos “nativos”, uma parte daqueles, geralmente coincidente com quem chegou há mais tempo na região – entre trinta a dez anos atrás – afirma seu respeito à diferença e assume a própria posição “forasteira” marcada pelos nativos, tendendo a reconhecer seus privilégios econômicos e ainda os impactos produzidos por sua presença na nova ocupação do território. Mas outra parte destes forasteiros vem se autodesignando “chegantes”: entre estes estão principalmente pessoas e famílias que chegaram nos últimos dez anos na região, as quais tendem a rejeitar a

² A expressão foi utilizada por uma moradora para se referir a separação geográfica da ponte sobre o rio pancadinha e que reflete também uma separação social na vila.

³ Utilizo as aspas para sinalizar que tais categorias: nativos, forasteiros e chegantes, são categorias nativas que me foram apresentadas ao longo de meu campo de pesquisa. Assim no texto que segue não utilizarei mais aspas, tomando para mim as categorias nativas.

designação de forasteiros, conferida pelos nativos. Eles encaram o termo como pejorativo, indicando que as diferenças entre eles devem ser dissolvidas e não reafirmadas. As variações nas denominações – auto designativas ou de designação de outrem – são parte das complexas mediações em Serra Grande envolvendo diferentes modos de ser e estar mundo e, portanto, de viver na Vila. Estas variações são acompanhadas por transformações nas formas como a saúde e as noções de cuidado são concebidas, experienciadas e promovidas no território.

As Serras Grande - a vila de pescadores e agricultores

A “chegada do meio ambiente⁴”, marcada pelo estabelecimento do Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC) (1997) e à criação das Áreas de Proteção Ambiental (APA) (1993) em volta da Vila, traz limites e proibições aos velhos modos de habitar seu mundo. Interpelados em sua relação de interação com a natureza e com seu território, veem-se desafiados a aprender novos modos de existência, envolvendo o sustento, a saúde e outros âmbitos do viver em Serra Grande. Assim, o desafio de resistir cultural e territorialmente torna-se também uma questão de saúde existencial para essa comunidade.

O vínculo com a terra e com o território assume sentidos radicalmente diferentes para os diversos habitantes de Serra Grande. O território constituído localmente pelos nativos, carregado de histórias, memória, trabalho, família (Little, 2003) não existe para aqueles que apenas compram terra na região para construírem suas casas e estabelecerem um novo estilo de vida sem vínculos anteriores. O lugar, os modos de circulação, as relações ali estabelecidas, bem como os recursos naturais dali extraídos compõem um território que não é o mesmo dos que compraram terras recentemente, com limites físicos estabelecidos, regras de uso e manutenção reguladas por cercas e instituições ambientais.

A história recente de Serra Grande é rememorada pelos moradores mais antigos. A escassez de fontes oficiais reflete a ausência do poder público até então na região. Até a chegada dos anos 2000, quando “tudo mudou” com a chegada da BA-001, que será contada a seguir, a história que conhecemos é exclusivamente por meio de relatos orais.

⁴ Expressão utilizada por Dona Regina, uma das primeiras moradoras da Vila ao se referir ao estabelecimento do Parque da Serra do Conduru em 1997 e das APA's Itacaré-Serra Grande, e Lagoa encantada em 1993.

Dona Regina é reconhecida na vila de Serra Grande como grande contadora das histórias antigas do lugar. Sua história e a história de Serra Grande se fazem conjuntamente, como ela afirma. Filha de Seu Ângelo, de 103 anos⁵, Dona Regina conta que foi seu pai quem “abriu a mata” na região. Naquela época (década de 1920), como relata Baiardi & Teixeira (2010) sobre a região do Sul da Bahia de um modo geral, as terras eram ocupadas por desbravadores, em sistema de “meia”, em que herdeiros da colônia ou militares comandavam as terras nas regiões nordeste e sul do estado. Os trabalhadores eram enviados para ocupar e produzir nas terras, na garantia de sua ocupação.

Seu Ângelo “não tinha trabalho certo”, como ela relembra, e então veio trabalhar na Fazenda do Senhor Bonfim⁶ por volta de 1946. Não tinha salário, mas podia viver na terra com a família, como meeiro. A mãe de Dona Regina, Dona Secundina, cultivava diversas frutas e verduras na terra de Senhor Bonfim, e dividia a produção com ele. A mandioca também era importante na sua alimentação, assim como na de outras famílias que ali viviam. No mesmo esquema de meeiro com o Senhor Bonfim ou outros donos de terra as poucas famílias chegavam, ocupavam e produziam na terra, dividindo com o dono a sua produção.

A farinha, como me foi contado por vários moradores mais antigos, era produzida em grupo. Havia o dia de processar a mandioca de uma família e todos se juntavam na antiga casa de farinha, movida pelo rio Pancadinha por meio de uma represa construída para mover o moinho⁷. Esses momentos são lembrados pelas anciãs da vila com emoção, normalmente comentados com um “Era muito bom!”, “A gente se divertia muito!”.

A pesca também compunha a alimentação das famílias que habitavam a região que até hoje mantém a pesca artesanal de jangada⁸. Porém, atualmente esse ofício tem sido colocado em risco, sobretudo após a proibição, pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

⁵ Seu Ângelo faleceu em 2019, após o fim do meu trabalho de campo.

⁶ A Fazenda do Senhor Bonfim cobria grande parte da faixa litorânea da Vila de Serra Grande. A parte que foi dada a Seu Ângelo corresponde atualmente à porção da praia do Pompilho até o alto da vila de Serra Grande às margens da Rua São João, entre a praça Pedro Gomes e a Vila Badu, regiões que serão descritas a seguir.

⁷ A casa de farinha que existia na represa foi fechada devido ao pouco uso depois que o sistema de queimada, típico do cultivo de mandioca na região, foi proibido pelo INEMA. O prédio da casa de farinha tornou-se residencial, a represa foi reformada e atualmente oferece uma estrutura turística.

⁸ Atualmente existe apenas 1 pescador que ainda sai diariamente para pescar com a jangada como meio de locomoção.

(INEMA), da extração do pau de jangada para a feitura da embarcação e pela pesca industrial que tem tomado os peixes com suas redes estendidas por toda a faixa litorânea da vila:

Dona Regina conta sobre a ocupação e a circulação na região naquela época, e destaca uma maneira diferente da relação atual com a terra. Afirma que quem chegava ocupava a terra e cultivava, mas não restringia o acesso nem a circulação de ninguém com cercas ou muros. Dá a entender que ela se referia à ocupação de longo período que comumente findava na posse da terra ocupada.

Conforme relata Woortman (1990), em diversas sociedades camponesas a posse da terra se diferenciava da propriedade. Os proprietários, grandes fazendeiros, permitiam a posse de pequenos pedaços de terra em que seus posseiros cultivavam e viviam. Essa terra era sua e de sua família ao longo dos anos, pelo uso e ocupação daquele solo, mas ao mesmo tempo era propriedade do dono e não contava com cercas ou limites de acesso e circulação por parte de outros moradores da região. Contraste-se aqui com o sistema atual da propriedade privada.

Dona Regina conta em seus relatos que seu pai recebeu terras onde vivia e cultivava em um acerto com os donos depois de muitos anos de trabalho. Essa história se repetiu várias vezes com as primeiras famílias meeiras da região. Não existiam limites nem propriedades claras, existia um Senhor, grande dono das terras, Bonfim ou Porfírio, como uma ou outra família relatou, mas dentro das grandes terras desses senhores, as famílias viviam de agricultura, caça e pesca, repartindo tudo o que colhiam com os Coronéis como costumavam ser chamados.

Dona Regina se refere a esse período entre a fundação da Vila nos anos 1940 e “a chegada do meio ambiente” na década de 1990 como uma época de fartura e alegria. Aliás, não só ela; na “reunião das anciãs”⁹ as mulheres antigas da comunidade lembram dessa época como de muita diversão. Tais histórias não são lembradas como um tempo de violência e exploração, mas como tempo familiar, de divertimento e liberdade de trânsito pela terra.

As décadas de 1970 e 1980 foram de grandes transformações em Serra Grande. A vila pacata de pescadores e pequenos produtores começava a crescer. Conforme o Diagnóstico Participativo Rural (Instituto Floresta viva e Instituto Inamata, 2008), no início da década de

⁹ A reunião das anciãs foi um evento ocorrido no dia 02/06/2018, promovido pela agência de fomento Tabôa e será detalhada no Capítulo 6.

1970 a venda de carvão era intensa na região e em 1975 foi construída a primeira serraria, o que tornou mais intensa a exploração de madeira. Foi ainda nesta década que chegou energia elétrica na região, ainda de gerador, e a primeira estrada “oficial”, de terra, que ligava Itacaré a Ilhéus.

A década de 1980 foi difícil para toda a região Sul da Bahia. Uma região em que a economia do cacau era estruturante entrava em colapso. De acordo com Baiardi e Teixeira (2010), três fatores geraram uma grande crise econômica da região: a queda do preço do cacau; a introdução da vassoura de bruxa¹⁰ e a diminuição do mercado devido à ampliação de concorrência.

As Serras Grande - o paraíso ecológico

A década de 1990 foi uma época ambientalmente revolucionária no Brasil. Ideias ambientalistas vindas do exterior influenciavam pesquisadores e formavam militantes preocupados com questões globais sobre a preservação do meio ambiente (Diegues, 2000). Em 1992, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro foi um marco para o campo da preservação e da conservação ambiental no Brasil. Esse contexto global refletiu-se em Serra Grande, “trazendo o meio ambiente” para a pequena vila, como destaca a fala de Dona Regina.

Aí depois, agora em 98, teve a Eco 98, cê já deve ter ouvido falar nisso porque você estuda né?! [Eu corrijo dizendo Eco 92]. Isso! Eco 92! Aí que começaram a falar desse negócio de meio ambiente. Eu ouvia falar isso, mas nunca que eu imaginava que isso fosse estourar justamente aqui (Entrevista, Dona Regina, 2019).

Em seguida, em 1993, o jornal norte americano The New York Times publicou uma matéria, intitulada *Brazilian Rain Forest Yields Most Diversity For Species of Trees* (Brooke, 1993) sobre uma pesquisa concluída em 1992 pelo Jardim Botânico de Nova York, junto com a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), que havia identificado, em

¹⁰ A vassoura de bruxa foi um fungo que destruiu quase totalmente as plantações de cacau de toda a região. A palavra introdução refere-se às fortes suspeitas na região de que tal praga tenha sido inserida nos cacauzeiros propositalmente por questões políticas. Mais informações em: <<http://www.ceplac.gov.br/radar/vassoura-de-bruxa.htm>>. Acesso em: 15/04/2018.

um único hectare, 456 espécies diferentes de árvores típicas da Mata Atlântica. Isso representava o recorde de biodiversidade da região de Mata Atlântica.

O impacto imediato dessa pesquisa foi a criação da APA Itacaré/Serra Grande, em 1993. Entretanto, conforme afirmam os ambientalistas que atuam na região, apesar de já estar criada por decreto, a APA não existia na prática neste período, já que estava apenas no papel essa informação, bem como as regras específicas de uso do solo não eram conhecidas pela comunidade local.

Em meados de 1996 aconteceu, então, uma grande audiência pública em Itacaré: o marco divisor desse período, configurando o “antes” e “depois”. Tratava-se da avaliação da viabilidade da construção da estrada Ilhéus-Itacaré, a BA-001. Oficialmente era uma reunião do Conselho Regional Ambiental (CRA), atual INEMA, para viabilizar a construção da estrada. Os ditames burocráticos da época colocavam a necessidade de uma audiência pública com ampla participação para a deliberação da construção de estradas como aquelas e suas condicionantes.

A construção da estrada BA-001 fazia parte do Programa Regional de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) que naquele ano investia 960 milhões de reais para a ampliação e melhoria da infraestrutura turística no estado da Bahia. Tais investimentos vinham em grande parte do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Conforme apontam Baiardi e Teixeira:

No Prodetur I a Bahia captou US\$ 140 milhões que, juntos com as contrapartidas, elevaram os investimentos a um montante superior a R\$ 300 milhões. Nessa primeira fase, Salvador e seu entorno e a Costa do Descobrimento (região de Porto Seguro) foram consideradas prioritárias. O principal projeto do Prodetur I nos dois territórios aqui analisados foi a Rodovia BA-001, Ilhéus-Itacaré, que recebeu recursos na casa de US\$ 18,3 milhões, sem considerar a contrapartida estadual. Essa rodovia mudou completamente a atividade turística em Itacaré, uma vez que possibilitou o recebimento de turistas pelo Aeroporto de Ilhéus, distante 70 km (Baiardi & Teixeira, 2010:44)

Na avaliação do Conselho Estadual do Meio Ambiente (CEPRAM), de 1996, que definiu a licença para a construção da BA-001 gerada a partir daquela plenária, estabeleceram-se as regras de construção desta, a implementação das APAs Itacaré/Serra Grande e Lagoa Encantada e ainda foi prevista a criação de uma nova Unidade de

Conservação Integral na Serra do Conduru, que veio a ser o Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC) com um poligonal de nove mil hectares.

Criado em fevereiro de 1997 pelo Governo do Estado da Bahia como medida compensatória pela construção da BA-001, trecho Ilhéus – Itacaré, o PESC, com uma área de 9.275 hectares, consiste em uma Unidade de Conservação de Proteção Integral regulamentada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

A história de Serra Grande reflete a contradição do pensamento preservacionista, assim como aconteceu em muitos outros lugares do mundo. A relação com a Natureza que foi implementada com a criação do Parque Estadual da Serra do Conduru e as APAs representa uma concepção de natureza a ser preservada e isolada da ação humana, completamente contrária aos modos de vida locais. Para Diegues (2000), a justificativa preservacionista de separação entre homem e natureza já vem sendo criticada desde a década de 1980, em que vários estudos demonstraram que:

[...] muitas dessas áreas habitadas por populações tradicionais tinham se conservado florestadas e com alta biodiversidade pela ação manejadora ligada ao modo de vida dessas comunidades que, com a criação das áreas protegidas, passaram a estar sujeitas à expulsão (Diegue, 2000:7)

Era esse o caso de Serra Grande, em que a Natureza na qual viviam muitos desses nativos não era separável de si e de seus modos de habitar. A Natureza era o lugar em que viviam, transitavam e de onde extraíam sua sobrevivência. A própria preservação da Mata Atlântica, assim como o recorde de biodiversidade na região, comprovado pelo estudo do Jardim Botânico mencionado, apontam para uma relação positiva entre humanos e mata no sentido da conservação. Uma existência baseada na interação constante, de modo a promover a vida de ambos.

Os moradores mais antigos de Serra Grande, ao serem questionados sobre a época de implementação do Parque, de um modo geral lembram com muito pesar dessa fase. Há muitas histórias de violência contadas por eles. Agricultores presos em praça pública por fazerem queimadas ou por extraírem madeira. Histórias que não só afetavam as famílias diretamente, mas que começaram a abalar as relações entre os próprios moradores da região. Um dos filhos de Dona Regina, por exemplo, perdeu a única fonte de sustento que possuía na

época, um caminhão: contratado pelo estado para transportar uma carga que foi apreendida por ser ilegal, teve seu caminhão queimado na estrada devido ao desespero e revolta do dono da madeira apreendida. Essas tensões evidenciam as formas de lidar com o território em disputa e suas consequências morais, incrementadas justamente no contexto de sua suposta regulamentação jurídica.

Entretanto, dados governamentais de 2014, passados 17 anos de implementação do parque, apresentam que a maior parte de sua área ainda não foi indenizada aos antigos posseiros. Além disso, a simples indenização financeira desconsidera: a) a relação afetiva das pessoas com a terra; b) que a mudança de residência frequentemente altera as condições específicas de fauna e flora anteriores; c) o tamanho da área nas quais as pessoas viviam até então, condizentes com o único modo de vida que aquelas pessoas conheciam.

As Serras Grande das Matas

Quando conheci Dona Izabel, importante erveira nativa da região, pensava se aquela maneira tão rápida de ir falando das plantas sem parar, enquanto se movimentava entre as plantas do quintal, não era decorrente de tantas visitas de pessoas interessadas nas ervas. Às vezes ela parava e admirava alguma planta: “Olha que beleza, sá minina!” E arrancava alguma folha seca e seguia a caminhada. Hoje acho que ela passa todos os seus dias assim, andando entre as ervas e falando sobre elas e com elas, admirando suas belezas, repetindo seus usos e nomes, estejamos lá, pesquisadores ou cineastas¹¹, ou não. Esse me parece o universo de Dona Izabel.

Sempre agitada, andando para lá e para cá, Dona Izabel apresenta muito vigor para uma senhora de 63 anos, apesar da aparência bastante envelhecida. Passa todo o tempo fazendo alguma coisa: enquanto estávamos lá, ela catou frutas para comermos, mudas de planta para levarmos para nossas mães e até algumas flores “bunitas” para enfeitar a casa de minha Fátima¹².

¹¹ Antônio, um cineasta que fazia uma filmagem sobre as erveiras da região, foi quem me apresentou Dona Izabel.

¹² Na tese relato como o nome de minha mãe, Fátima, aproximou de mim Dona Izabel, que também tinha uma importante Fátima, sua filha, em sua vida.

A Mata de Dona Izabel se diferencia da Mata do Parque Conduru, porém, os dois territórios vividos se sobrepõem. Se a ideia do Parque é a de um lugar a ser isolado da ocupação humana, de uma Natureza a ser preservada, a Mata de Dona Izabel é a sua possibilidade de sobrevivência, não só física, mas existencial. Se a relação humana com a Natureza nos discursos preservacionistas que têm chegado à Serra Grande desde a “chegada do meio ambiente” preocupam-se com a morte da Mata Atlântica e buscam separar homem e Mata, para Dona Izabel, ao que parece, a sua própria vida só é possível dentro da Mata.

Enquanto Dona Izabel me contava sua história em meio às plantas nesse dia, chegaram dois guardas-parques cumprimentando Dona Izabel como se fizessem isso cotidianamente. Ela comentou sobre uma árvore ou outra que havia caído, um bicho ou outro que morreu, e sobre o rio que estava cheio. Ao longo da conversa entre eles, o que transparecia é que não existem apenas dois lados, os desapropriados e o Parque. Os próprios funcionários são nativos e vivem vários conflitos com sua comunidade e com madeireiros pelo lugar que ocupam e o trabalho que exercem¹³. A visita deles era claramente um cuidado com Dona Izabel, estavam preocupados se ela tinha tudo de que precisava, se precisava de alguma ajuda e o que poderiam fazer por ela até a próxima visita. De alguma forma, de dentro do parque, eles trabalhavam para cuidar dos seus¹⁴.

Esse cenário se complica ainda mais, já que com a criação da estrada e das áreas de Unidades de Conservação a região tornou-se de imenso potencial turístico, atraindo grandes empresários e novos moradores em busca de investimentos e qualidade de vida.

Dona Regina conta que a partir do início da construção da BA-001 na década de 1990 os grandes empresários, especialmente do turismo, “chegaram como uns touros, comprando tudo”. Ela lembra que nessa época muitos moradores da Vila, posseiros das terras, deslumbrados com o dinheiro que lhes era oferecido pelos recém-chegados empresários e forasteiros, venderam suas terras indo para a cidade, certos de que construiriam vida lá. Entretanto, muitos deles não sabiam viver na cidade e lidar com dinheiro. E então perdiam

¹³ Neste dia eles mencionaram vários conflitos com a comunidade rural que os percebe como traidores por estarem trabalhando para o Parque, e principalmente falavam sobre as ameaças que sofrem dos madeireiros que querem extrair madeira da Mata.

¹⁴ Certa vez, em um evento de apresentação dos projetos financiados pela *Tabôa*, conheci um guarda-parque que desenvolveu um trabalho de levar água e luz por meio de placas solares para as famílias da zona rural, Dona Izabel sendo uma delas.

tudo, e não conseguiam nem mesmo voltar a Serra Grande, já que a forma de ocupação da terra (meeiro e posse) estava mudando. Eram novos donos das terras, com novas formas de uso e de circulação do espaço. Essa experiência, pode-se dizer, foi diversas vezes relatada por comunidades pesqueiras do litoral nordeste, como descreve Kottak (2009).

Além dos empreendimentos turísticos e especulação imobiliária, a estrada trouxe também novos moradores, atraídos pelas condições ambientais propiciadas a partir da construção do parque e das APAs. A chegada da Escola Dendê da Serra¹⁵ e da vila Alternativa de Piracanga¹⁶ também contribuíram para atrair um grupo específico de moradores. De 2000 a 2007, conforme apresenta o DPR (2008) de Serra Grande, a zona urbana apresentou um crescimento demográfico de aproximadamente 83%, muito maior que o êxodo da zona rural (apenas 3%), indicando que, além da população da zona rural que se mudou para a zona urbana de Serra Grande, houve também uma chegada de pessoas (80%) para a zona urbana vindos de lugares mais distantes.

A relação com o dinheiro e a propriedade privada foi então um conflito crescente, já naquele território, princípios coletivistas se sobressaíam até o momento. Um forte exemplo é a questão da cancela, que é sempre destacada com mágoa por vários antigos moradores como Dona Gura, marisqueira. O impedimento de circular pela área na qual sempre se teve livre acesso revela uma relação com a terra que desconhece limites jurídicos. A ideia de propriedade na relação com a terra de Dona Regina, Dona Gura e dos moradores mais antigos de Serra Grande passa muito mais pelo uso desta do que pelos “papéis” que os desautorizam a passar. Em uma reunião que participei com a Associação de Pescadores e Marisqueiras, o “papel” era visto como perigoso, sendo rejeitado. Falas como: “Porque tá escrevendo tudo?”, “Eu não assino nada!”, “Esse monte de papel que não serve pra ajudar nós!” foram repetidas e soma-se a isso o altíssimo índice de analfabetismo entre pescadores e marisqueiras na justificação de seus temores, que retratam uma história em que se sentem muitas vezes “passados pra trás” por meio dos “papéis”.

Assim, o dinheiro também aparece no discurso dos moradores mais antigos como algo recente, associado a quem vem de fora e ao tipo de relação que estes forasteiros estabelecem.

¹⁵ Escola Antroposófica – frequentemente buscada por famílias alinhadas com princípios nova era.

¹⁶ Empreendimento de desenvolvimento espiritual próximo a Vila de Serra Grande

Além de se mostrar como uma ferramenta que incapacita os moradores antigos, é a posse do dinheiro que fornece o poder sobre as terras e consequentemente o impedimento de quem por elas circula.

Serra Grande - “Destino eco-espiritual”

Desde a construção da estrada BA-001, em 1999, Mara, agente de saúde, estima o aumento em mais de dez vezes da população de Serra Grande. Moradores locais destacam que, entre os anos 2000 e 2018, a população passou de algo em torno de 200 para 2000 famílias, considerando a vila e a zona rural de seu entorno. Mara afirma que atualmente o distrito tem entre 5000 e 7000 habitantes. Porém, esses dados são baseados na vivência dos profissionais de saúde que atendem a população e não possuem suporte institucional para sua confirmação e validação, já que uma grande parte dos novos moradores não reside mais no mesmo local depois do último censo (2010). E muitos possuem vínculos residenciais com suas cidades de origem.

Muitos forasteiros que chegaram à vila vindos das zonas rurais antes da construção da estrada BA-001 não são considerados como tal. Essa categoria é claramente utilizada pelos nativos para demarcar quem chegou após a construção da BA-001. Mesmo que essa explicação não seja apontada por eles ao definirem quem é ou não nativo de Serra Grande, ao observar a relevância da construção da estrada no surgimento do conflito entre os que aqui estavam e os que chegaram depois, dá-se a entender que a diferenciação está baseada em um marco temporal e a modos de vida adotados naquele contexto espaço temporal - e menos numa origem geográfica. É comum pessoas que nasceram em regiões próximas, como Salvador ou Itabuna, mas que só chegaram depois da estrada, serem consideradas forasteiros. Por outro lado, também é frequente pessoas que vieram de lugares distantes do sertão da Bahia e de Minas Gerais, e até mesmo de São Paulo, mas que chegaram antes da estrada e/ou possuem um modo de vida similar aos dos nativos, não serem marcados pela categoria forasteiro. Estes circulam entre os nativos, sendo seus filhos considerados nativos.

Essa relação entre nativos e forasteiros é complexa, com variações que não apresentam fronteiras fixas e não sendo aceitas e compartilhadas por todos. Existem os que se

dizem nativos tomando por base relações de vicinalidade e consideração, como define Pina Cabral (2013) sobre o Baixo Sul da Bahia e que explicita o modo nativo de Serra Grande.

A consideração que estrutura as relações de parentela de cada pessoa também estrutura as relações entre casas que, estando próximas umas das outras, acabam por construir vicinalidades na medida em que os respectivos habitantes manifestem mutuamente consideração através de troca de materiais, de entreaajuda, mas sobretudo de sociabilidade contínua (Pina Cabral, 2013:41)

De fato, ao ouvir os relatos das histórias antigas da Vila, me parecia que eram todos parentes. O parentesco, que neste caso parece formar a família de nativos de Serra Grande está nos modos de conviver e compartilhar histórias, experiências e ajudas, construídas juntamente com a relação com o território.

Ainda que sem contornos precisos, reconhecemos algumas “ondas” junto com certos marcos temporais, como mencionou uma interlocutora forasteira. As duas últimas ondas (“do parto” e “de agroecologia”) certamente envolvem uma presença mais recente de moradores que tendem a se autodenominar chegantes e cujos estilos de vida costumam se opor não apenas aos costumes dos nativos, mas também podem contrastar com os forasteiros de ondas migratórias anteriores. Um exemplo marcante diz respeito ao modelo de educação ou de escola. Se entre diversos moradores, como observei anteriormente, a escola antroposófica foi um atrativo importante, atualmente famílias de chegantes ligadas ao movimento da bioconstrução têm como proposta um outro modelo de educação e escola que buscam implantar para suas crianças.

Essas ondas marcadas por orientações específicas e interesses de projetos particulares a serem desenvolvidos em Serra Grande produzem lugares de aproximação e afastamento, críticas, enfim, um conjunto de questões que perpassam o habitar a Serra. Imagens de simplicidade de vida contrastam com projetos arrojados, indicando transformações radicais nas imagens de coletivo e do social. Fica a pergunta feita por Aranda, filha de Dona Val e militante nas causas de educação e cultura: Que Vila estamos construindo?

Uma Vila de pescador! Imagina aquele povo chegando com aqueles barcos enormes, eles viviam em harmonia há não sei quanto tempo, pra mim há muito mais de 500 anos, e já desmatou tudo! É a mesma coisa, as pessoas estavam vivendo em harmonia aqui, e de repente começa a chegar um monte de gente, de casa. - Eu não posso arrancar madeira pra fazer o telhado da minha casa, mas você pode fazer a

sua casa toda na madeira? As pessoas observam e escutam. Eu preciso fazer uma casa de vidro de três andares? Numa Vila que só tem casas simples? Eu preciso fazer muro, sendo que não tinha nem cerca? (Aranda, 2018).

Como é que a gente constrói um ganha-ganha? A gente não sabe o quanto é bom e o quanto é ruim. Porque quando a gente chega a gente tem referência de uma casa maior...esse povo é tribal! Viviam tudo amontoadado, cê chega na periferia da vila, tá tudo amontoadado, e o pessoal fazendo sítio de floresta agroecológica, que tipo de vila estamos construindo? Embora quem vem pra cá já tá preocupado com isso, então já é um passo (Entrevista, Aranda, 2019).

Ao longo do tempo em que vivi em Serra Grande fui percebendo que a denominação nativo relacionava-se, em grande medida, à maneira como as pessoas vivenciavam o território, considerando-se aqui desde as relações entre pessoas, mas também entre homens, mulheres e a “mata”; e homens, mulheres e a “terra”. Os modos como vivem da\na terra como extraem e compartilham seus “recursos” e a circulação nestes ambientes. Porém, ainda que esta definição (nativo) reúna um conjunto de características que denomino “modo de habitar”, não significa que dentre os próprios nativos não exista uma diversidade de modos de ser, de pensar e de se relacionar.

Por outro lado existem os forasteiros, denominação imputada pelos nativos para classificar aqueles que chegaram após a construção da estrada, com novos modos de habitar que dizem respeito a valores morais, relação com a terra, modos de vestir-se e de comer, religiosidades, sexualidade, estilos musicais, cuidado do corpo, educação infantil etc. Porém, tal denominação é ainda mais complexa do que a anterior, já que o termo costuma funcionar como categoria de acusação, seu conteúdo variando conforme o contexto. De todo modo, geralmente quando os nativos utilizam a categoria forasteiros, aqueles remetem a um conjunto de mudanças vividas pela Vila nos últimos trinta anos associadas a violências, explorações, abusos e invasões.

Todas as vezes que ouvi a categoria forasteiro ser utilizada por um nativo, evocava o processo histórico dos últimos trinta anos com destaque para a diferença de condições de vida em Serra Grande e aos privilégios de certos grupos. Mas isso não implica em afirmar que exista uma ruptura definitiva entre os grupos ou conflito constante. A utilização da categoria é importante para os nativos, porque marca a diferença e a resistência como posição assumida pelos mesmos nativos desde o início da chegada dos forasteiros.

Em Serra Grande, entre os forasteiros e especialmente entre os chegantes a maioria possui renda que vem de fora do distrito. Trabalhos *online*, administração de empresas e imóveis no Sudeste – principalmente – e diversas formas de renda que são produzidas via internet são as principais formas de sustento dos moradores mais recentes. Os forasteiros mais antigos já construíram casa e muitos vivem do aluguel destas e das muitas práticas terapêuticas e cursos que oferecem. Essas formas de trabalho permitem que forasteiros e chegantes combinem, ao mesmo tempo, o nível de renda dos grandes centros urbanos com a qualidade de vida da pequena vila.

A “cura espiritual” também é mencionada nesse processo de mudança para Serra Grande e se refere a um grande leque de “traumas”, como repressões, machismo, patriarcado, cristianismos, pressão para o trabalho ou para os relacionamentos. Experiências traumáticas das mais diversas, relações tóxicas com familiares ou parceiros e muitas outras experiências sentidas como negativas que precisam ser curadas. Pessoas que encontram em Serra Grande um ambiente propício, reunindo diversidade de tratamentos espirituais e uma forma de vida saudável capazes de promover essa cura.

De um modo geral, pode-se considerar que as ferramentas dessa cura articulam uma certa concepção de espiritualidade e sua relação com a Natureza. Silveira & Sofiati (2016) destacam a ideia de “ecoespiritualidade” como uma forma do sujeito moderno de vincular à busca pelo eu autêntico a uma causa coletiva. Conforme sugerem os autores, trata-se de uma forma de redefinir o significado da religião e da fé que presume a salvação a partir de uma nova relação com a Natureza (Silveira & Sofiati, 2016). Como aponta Tavares (2015a, p. 2), a busca da cura está mediada pela categoria “energia” como projeto de vida:

A cura como restabelecimento do equilíbrio e da harmonia contrasta fortemente com a visão da biomedicina, tida por adeptos da nova era como parcial e empobrecedora na compreensão da dinâmica da relação entre saúde e doença. O processo de cura nova era é atravessado por fatores e processos que transcendem a nosologia das doenças. A doença, traduzida em sofrimento, e a saúde, em busca de bem-estar, ganham sentido renovado por meio do poderoso mediador da “energia”, possibilitando a circulação dos fluxos e seus “vazamentos” no mundo de objetos. (Tavares, 2015:2)

Assim, a qualidade de vida e o bem-estar são motivadores desses recém-moradores na relação com o lugar. Eles reúnem, nessas condições, a purificação por meio da alimentação, do convívio, do trabalho e das relações como uma forma de habitar o mundo.

Em certa medida, pode-se entender que os chegantes vêm para Serra Grande em busca de uma reconexão com a Natureza, com uma vida mais tranquila, orgânica e longe dos grandes centros urbanos. Entretanto, essa chegada cada vez maior e mais intensa traz consigo valores e necessidades urbanas que acabam justamente por perturbar os modos de vida nativos em sua relação com o ambiente. Novas necessidades e a presença do dinheiro geram subempregos trazendo aos nativos novas formas de se relacionar temporalmente consigo e com os outros, bem como novas formas de uso e ocupação da terra que dificultam a antiga liberdade de trânsito e ressignificam o território.

Um ponto bastante interessante sobre as diferenças nas relações entre os grupos revela-se na utilização da palavra “gratidão”, generalizada entre os chegantes e que, conforme foi-me explicado diversas vezes, é utilizada no intuito de “desobrigar o outro”. A expressão gratidão demonstra a valorização do sentimento de ser grato e que se refere não apenas a um sujeito diretamente implicado, mas à gratidão expandida, como uma energia de reconhecimento da generosidade do planeta e da vida. Ao se dizer grata, a pessoa ao mesmo tempo reconhece, de uma perspectiva espiritual, a generosidade universal para consigo e desobriga o outro de qualquer vínculo ou relação de reciprocidade.

Por sua vez, as relações de solidariedade e reciprocidade são fundantes da cultura local. Apresenta-se, assim, a diferença entre um agir que caracteriza um modo nativo de habitar Serra Grande, e outro que se coloca nos termos da relação indivíduo-mundo, desobrigado e transitório, já que a rotatividade de chegantes é alta, com precária estabilidade dos locais de moradia. Nesse sentido, desobrigar-se do outro, que representa um eu difuso, em prol de si mesmo e de seu desenvolvimento pessoal, confronta a forma de relacionalidade constitutiva dos nativos.

Serra Grande – encontros insalubres, desencontros saudáveis

O Posto de Saúde parece ser um importante lugar de resistência da comunidade nativa. Por um lado, conforme me relatou a médica funcionária do Posto de saúde e

observando a atuação de Mara, é um lugar em que nativos se sentem à vontade para exigirem seus direitos. A própria médica comentou, de modo queixoso, que muitos pacientes já chegam lá com seus diagnósticos e exigem os remédios específicos que desejam. Apesar de essa questão ser relatada como uma dificuldade para uma atuação menos medicamentosa, de acordo com sua perspectiva (forasteira), parece-me que esta atitude destaca o quanto a saúde é um lugar de direitos para a comunidade local. Também Mara, uma das lideranças nativas da comunidade, encontra-se sempre no Posto de Saúde e está comprometida a garantir os direitos da comunidade nesse setor. Assim, “enfrentar” o médico do Posto de saúde, exigindo exames e medicamentos, parece evidenciar agenciamentos do cuidado que articulam direitos para uma comunidade que se confronta com a desmedicalização de forasteiros e chegantes.

Se, para os adeptos nova era - forasteiros e chegantes em busca de uma vida mais saudável em contato com a Natureza - a errância religiosa, a recombinação de referências, a autonomia no processo do cuidado de si, passa por escolhas e abertura ao imponderável. No caso dos nativos, contemplados por projetos sociais que buscam oferecer melhores condições de vida para a comunidade nativa - como o Projeto Crochetando Empoderando de Samaha que busca conscientizar, prevenir e combater a violência doméstica entre jovens através de oficinas de crochê e o Projeto Mães solidárias de Mara que busca oferecer uma refeição nutritiva mensalmente à comunidade carente da vila - a autonomia leva em conta a necessidade de sobrevivência. O mesmo também se evidencia com as iniciativas em saúde. Nas terapêuticas nova era os projetos passam pela saúde subjetiva e emocional, vinculada às violências espirituais; já do outro lado da ponte, as redes de cuidado são coletivizantes, implicando em ações práticas de transformação social. As necessidades de sobrevivência, como alimentação e integridade física, representam a concepção de saúde dos nativos, sobretudo dessas agentes sociais. O Posto de Saúde visibiliza os “maus encontros” (Oliveira, 2017) que também existem, e que produzem interrupções na vitalidade dos agenciamentos do cuidado em Serra Grande.

As práticas terapêuticas nova era e as práticas tradicionais são compreendidas na relação com as formas de habitar o lugar, que é corporal, espiritual, mas também social, ou até existencial.

A primeira questão está na relação conflituosa entre o “espírito sem lar” *versus* o habitar o território. Amaral (2000), propõe a expressão “espírito sem lar” para se referir à característica errante dos nova era, que se colocam em trânsito e não estabelecem um fundamento essencialista com as experiências pelas quais passam, o que implica certo desapego dos vínculos com pessoas, grupos e lugares. Essa característica vai de encontro à experiência territorializada do modo de habitar nativo de Serra Grande, em que o território e a Mata são referências de existência, de vida.

Poderia sugerir que as três variações principais já mencionadas: nativos, forasteiros e chegantes referem-se a modos de habitar que se relacionam com certos agenciamentos do cuidado. Nesse sentido, eu diria, os nativos estão “territorializados”, ou seja, mantêm fortes vínculos com a terra. Vínculos históricos, afetivos e de extração de matérias-primas da Mata (o equivalente à Natureza para forasteiros e chegantes) que se mantêm colados à existência. Possuem relações de parentesco e afinidade com outros nativos e uma identidade constituída pelos modos de vida e solidariedade que compunham esta comunidade anteriormente. Os cuidados nativos estão voltados à comunidade, tratando-se de um cuidado-existência que busca promover e garantir a saúde básica da comunidade nativa.

Forasteiros, em seus habitares, tenderiam a construir outras formas de territorialidade e relação com a Natureza, “ecoterritorializados”, já que orientados para uma vida “mais ecológica” em proximidade com a Natureza. Sem um vínculo histórico regional que caracteriza a relação dos nativos com a Serra, os forasteiros que vieram para Serra Grande nos últimos 20 anos possuem um vínculo temporal “suficiente” para estabelecer relações mais próximas com a comunidade e o lugar. Suas trajetórias em Serra incluem iniciativas de preservação ambiental e inclusão social além de uma busca pessoal orientada por espiritualidades estilo nova era.

Esse vínculo com o território de Serra Grande e seu entorno se faz muito menos presente entre os que se autodesignam chegantes. Muitos destes parecem estar propriamente desterritorializados, e podem mesmo ter o desejo de transitar entre diversos lugares onde possam encontrar experiências voltadas ao cuidado de si. A busca de terapêuticas e autodesenvolvimento entre muitos dos que ‘chegam’ parece estar ligada a modos nova era mais contemporâneos, e conta possivelmente para esse desengajamento com o território e a

comunidade local, sendo a estadia (ainda) curta de muitos destes chegantes. Uma parte destes habitantes mais recentes de Serra Grande veio para o lugar com projetos específicos e já formatados nos modelos de habitação de fazendas agroecológicas ou condomínios de bioconstrução. Esses “coletivos-alternativos” nos arredores da Vila tendem a se manter afastados da comunidade local de nativos e dos habitares do território por estes. Ao plantar no território suas próprias fazendas ou condomínios, tais chegantes criam ambientes com fronteiras bem marcadas tanto espacialmente – aquelas desenhadas nos limites do regime de propriedade - quanto na composição do grupo de condôminos e seus modos de coexistência. Esse habitar, enfim, tende a estar menos implicado com a comunidade que já vivia em Serra, e mais engajado com os próprios projetos ambientais e de autodesenvolvimento que estas propostas compreendem.

A etnografia dos agenciamentos do cuidado em relação aos modos de habitar nos permite acompanhar as transformações por que passa esse meta-referente comum, às vezes denominado “Mata”, “Mato”, “Floresta” ou “Natureza”. De um lado da ponte, a Natureza, com suas figuras de mãe da humanidade, responsável pela qualidade de vida humana, força a ser preservada e reverenciada, participa ativamente das técnicas de espiritualidade terapêutica (Tavares, 2012), por meio das ervas medicinais e das plantas de poder que orientam as formas de cuidado em saúde, além de representar a materialização da qualidade de vida na Vila Alta de Serra Grande. Do outro lado da ponte, a Mata ou o Mato, somada às forças humanas e não humanas em relação compõem um universo de cuidados da saúde que extrapola os limites terapêuticos e agenciam diversas forças em prol da sobrevivência e bem-estar.

Além da relação Natureza e território como uma primeira característica dos agenciamentos do cuidado em Serra Grande, uma segunda questão diz respeito às condições socioculturais que extrapolam os limites do conceito de saúde, e que podem ser mais bem compreendidas por meio do conceito de cuidado. Ao conhecer a ação dos agentes de saúde, especialmente de Mara, verifiquei outras modalidades do cuidado que não são restritas às práticas terapêuticas – sejam espirituais, alternativas ou biomédicas. Elas dizem respeito ao cuidado ampliado, que abarca garantia de alimentação, a sociabilidade, as condições de moradia e a educação como formas de saúde que equivalem a condições existenciais desejáveis.

O terceiro ponto que apresento diz respeito à forma como a biomedicina, as terapêuticas alternativas e tradicionais, a política, a vicinalidade, as solidariedades, e várias outras dimensões do cuidado se misturam e interagem neste lugar. Formulam encontros ou tessituras (Ingold, 2012) únicas, precárias e instáveis. É nesse sentido que proponho utilizar a ideia de agenciamentos do cuidado para relatar tais tessituras que se atualizam, se conectam, se afastam e se misturam em Serra Grande. Essas formas de cuidado atravessam “a ponte” de um lado a outro, e, pode-se dizer, formulam novas pontes¹⁷.

Agenciamentos do cuidado

A busca pela valorização da cultura local vem sendo o objetivo de muitas iniciativas socioculturais em Serra Grande. Projetos sociais e lideranças locais destacam sempre a necessidade de se afirmar a identidade nativa e valorizá-la frente à crescente migração forasteira para as terras da região.

Acompanhando os relatos mais antigos de Serra Grande e região vemos que a Serra sempre mudou, mas reconhecemos transformações intensivas no território desde a “chegada do meio ambiente”, as levas migratórias que a sucederam e a circulação ampliada de pessoas atraídas para a região que se evidencia, então, como “Natureza privilegiada” e gradativamente também “lugar de cura e de vida saudável” – nos sentidos diversos e estendidos que o termo possa acolher – propício a cidadãos em busca de formas alternativas de viver, criar filhos, desenvolver-se de modo integral, física e espiritualmente.

Nessas duas últimas décadas de transformação, contrastes de perspectivas se desenham, revelando habitares distintos na Serra; diferenças na concepção e engajamentos diversos com a “natureza”, com a “terra”, com o “lugar” e seus nativos. O “social”, no sentido de Latour (2012), se faz aqui, portanto, no encontro do que poderíamos tomar como diferentes “culturas” ou orientações no interior de uma mesma “cultura”.

Mais recentemente a Serra continua se transformando com a presença marcante de configurações como as dos empreendimentos turísticos, reservas ambientais (RPPN), condomínios de bioconstrução ou “comunidades agroecológicas”, com suas fronteiras

¹⁷ Essas pontes serão descritas a seguir.

cravadas sobre o território, e suas “novas” configurações de coletivos e práticas “alternativas” de produção da vida.

Essas marcas do lugar não deixam de desafiar aqueles que chegam e veem a resistência dos nativos, com as questões que se põem, às vezes de modo radical, para a partilha de espaços e fazeres. Da mesma maneira, a presença dos de fora ao longo das últimas décadas também não deixa de produzir novos debates acerca da resistência, que longe de associar-se a um “tradicionalismo” que remete à imagem do manter-se igual a si mesmo, transforma-se no engajamento com temas como o do cuidado da saúde e da terra – lugar onde se vive.

No campo das práticas, as categorias se embaralham, as orientações iniciais são infletidas pelo agir dos outros, pelas questões que o “lugar” e a “comunidade” colocam. O chegante vem munido de certa proposta, orientado em sua busca voltada à “natureza”, à “cura”, ao “desenvolvimento espiritual”, ao “bem viver”. Pode mesmo vislumbrar a Vila como um ponto em sua busca, como passagem transitória. Mas, ao chegar, a própria Vila lhe desafia em sua transitoriedade e condição de “não ser do lugar”. Por sua vez, os que lá chegaram antes e já criaram vínculos com o lugar e seus nativos, que souberam fazer do tempo seu aliado nesse engajamento e que, nessa história, assumiram a diferença posta pela resistência nativa, esses forasteiros e “forasteiras” tendem a se diferenciar igualmente dos chegantes, não (pelo menos ainda não) comprometidos com a Comunidade.

Com essas observações quero chamar a atenção para o caráter relacional das categorias, que podem assumir maior ou menor valor na prática conforme os contextos em questão, e que, como já foi dito, funcionam de forma dinâmica, nunca se estabilizando. É interessante ressaltar, então, como, se de um lado os estilos de habitar se ligam a orientações em torno do caminho individual, a família, a comunidade, o lugar da “Natureza”, perspectivas sobre vida saudável, cura espiritual, de outro lado, a prática no lugar impõe desafios. Nesse sentido, parece que a própria Serra Grande vem colocando frequentemente a questão do território ou do territorializar-se como problema, estriando e alisando o espaço (Deleuze e Guatarri, 2012). Vivendo historicamente um processo de transformação nos modos territoriais praticados antes do Parque e da estrada, Serra Grande continua desafiando aqueles “errantes” orientados por um modo desterritorializado ligado à espiritualidade estilo

nova era, em seus vínculos com o território e com os nativos, isto é, com aqueles que “são do lugar”.

A “Natureza” é um sujeito chave em todos os habitares em Serra Grande e uma presença constante nos agenciamentos de saúde. Ela se coloca, conforme vimos, como tema central do território em que se encontra Serra Grande. O “viver da terra”, dos mais antigos na região, o foco no Meio ambiente dos que desenharam o Parque e criaram critérios para o uso do território, os que vêm por causa da ecologia do lugar, os que chegam com suas propostas ecológicas ou agroecológicas, ou pelo “chamado” da Natureza – chamado do próprio lugar e/ou de habitantes humanos e não humanos ligados a este: sábios e sábias, profissionais de terapias e projetos “alternativos” de coletividade e educação, experimentadores diversos, plantas, técnicas, energias. Projetos que chegaram nos últimos trinta anos e continuam chegando, com pessoas que vêm tentar a vida na Vila, trazendo familiares ou não, grupos de amigos condôminos, visitantes-clientes das cidades, ou ainda projetos de investimento e oferta de serviços, e até empreendimentos “desenvolvimentistas” de grande porte como o do Porto Sul¹⁸.

Ao seguir práticas diversas na região, podemos nos deparar com a “Natureza” que vive no quintal de senhoras e senhores com seus aprendizados no uso das plantas para tratar com chás, banhos, rezas os que lhe procuram. Para essas mesmas pessoas, a “Natureza”, mais comumente denominada por eles de Mata ou Mato, pode se associar a uma história vivida de cercamentos, de impedimentos da livre circulação e uso de “recursos” da Mata, da Beira do mar; do andar com liberdade, um valor tão caro para quem é do lugar, direito que deixaram de ter quando lógicas externas ao seu modo de vida tê-los-iam obrigado a novas maneiras.

Por sua vez, a “Natureza” objeto da busca por forasteiros pode assumir também diversas feições e se fazer presente em variadas articulações. A vida próxima ou na “Natureza”, ou ainda vivida de forma mais “natural”, com muito mais “qualidade” que aquela que se vive nas cidades. Outras lógicas de uso territorial, imaginados como capazes de “preservar a Natureza”, o que pode incluir a definição de Serra Grande como área de “proteção ambiental”, com a preservação de suas florestas, fontes de água e “diversidade

¹⁸ Grande empreendimento portuário em construção há 13 km da Vila e trará grande impacto socioambiental para a região. Para mais informações: <https://nossailheus.org.br/faq-porto-sul/>

biológica”, mas também outras racionalidades na feitura de casas, no uso de materiais e técnicas construtivas ou de plantio.

Assim, modos nativos e forasteiros de articular Vida e Natureza vão compondo a multiplicidade do habitar em Serra Grande. Numa articulação entre espiritualidade (em suas variações) e Natureza (também em suas variações), em que a espiritualidade está no centro das propostas de vida na Vila (especialmente na Vila Alta), e a “Natureza” pode assumir a feição de uma espécie vegetal, ela mesma fonte de saber e poder que chama, ou ainda, pode tornar-se “Natureza” a ser contemplada, longe de outras formas de interação ou uso.

A vida próxima da “Natureza” ou na “Natureza” buscada por forasteiros, em seus diversos engajamentos econômicos e ecológicos, pode ser crítica da lógica capitalista do mercado, do consumo, da propriedade privada, ou pode operar em continuidade com essa lógica. Pode se construir como proposta engajada em questões sociais, como a das desigualdades de acesso a recursos, a garantia de direitos fundamentais para a população local, como o direito à saúde e à educação. Pode ser sensível a questões como a violência sofrida por parcelas da população e assumir posições voltadas a transformações no sentido de promover a cidadania. Ou pode fazer-se “no interior” de fazendas e “eco-vilas” distantes da vida das gentes locais e das questões do lugar. Pode, ainda, se fazer no interior mesmo dos indivíduos, nas fronteiras do *self*, em buscas pessoais de autodesenvolvimento, onde noções como comunidade e social ganham contornos muito particulares.

Tematizar a “Natureza” pensando nos habitares em Serra Grande passa, portanto, por muitos enquadramentos e articulações. Mas uma aproximação aos habitares que caracterizam as perspectivas designadas como dos nativos, forasteiros e chegantes em articulação com as diversas formas de cuidado ali praticadas (cuidado si, cuidado do mundo/planeta, cuidado comunitário, cuidado do outro), nos permite aprofundar um pouco mais a abordagem da “Natureza”.

Para os nativos, a Mata é parte da sua vida ou não se distingue desta, no sentido mais concreto possível. É dela que vêm os elementos que garantem a existência, onde se planta, se come, se vive, se diverte. A caça, a madeira para o fogão a lenha, as frutas e plantas curativas são parte da rotina, do cotidiano, que também é em grande medida atravessado pela sociabilidade comunitária. A convivência com os vizinhos, parentes e suas mazelas, assim

como as formas de solidariedade, parentesco, cidadania e resistência compõem o modo de habitar dos nativos. Aqui encontramos um estilo de viver que aglutina pessoas, mato e animais, e que agora busca cuidar também das desigualdades sociais, das violências sociais e do colonialismo sociocultural que ainda marca presença na Bahia.

Para os forasteiros, de um modo geral, a vinda para a região se deve também à “Natureza”, à Mata Atlântica. Foi ela quem os atraiu e os motiva na luta para construir um mundo diferente, vivendo em “harmonia com a natureza e a comunidade local”. Valores como amor ao próximo e à “Natureza”, espiritualidade e solidariedade orientaram uma primeira ocupação “forasteira” (refiro-me aos últimos 30 anos) da Vila, que busca(va) um modo de habitar integrador. O cuidado terapêutico e espiritual, associado a projetos sociais que visam apoiar a preservação da natureza e a comunidade local, formula a concepção de cuidado e cura na qual apostam. Se cuidar da “Natureza” carece criar limites de seu uso, que se proponham outras formas de existência para os que dela necessitam.

Para os chegantes, o *self* e a liberdade se colocam como valores centrais no cuidado de si em interação com uma “Natureza” abstrata, frequentemente tida como mãe, potência em si ou “força da Natureza” que deve ser cultuada e tem o poder para promover o bem-estar de todos. Trata-se de pôr-se em conexão com seu poder, nas ervas, bebidas, fumadas, banhadas, ou utilizadas em óleos de massagens ou sabonetes, mas também de domesticá-la “gentilmente” através de técnicas como a agroecologia ou a bioconstrução que utilizam de suas matérias primas, mas de modo “sustentável”. A “Natureza chegante” diz respeito antes de tudo ao desenvolvimento espiritual de cada ser. Viver desta “Natureza” implica em protegê-la e afastá-la dos que a “exploram”. A cura está no indivíduo e no planeta, e vem por meio da espiritualidade, da terapêutica e da preservação de si e do mundo-natureza.

O corpo, que para uns é um templo a ser preservado, contemplado e cuidado com as mais diversas terapias e técnicas, pode ser também um corpo que se compõe do território, da terra em que se vive e circula, e que se torna amputado de suas habilidades quando se depara com uma cerca que impede a passagem. A ideia de liberdade, de um lado, comprometida com o *self* sagrado e com a gratidão ao universo desobrigada, até certo ponto, dos outros, fricciona os processos de vicinalidade - “[...] proximidade aberta entre espaços de morada”, como

apontam Pina Cabral e Godoi (2014, p. 12) -, em que a partilha, o convívio e a obrigação com o outro constituem as relações.

O resultado desses agenciamentos do cuidado em Serra Grande é um movimento contínuo, modular (Goldman, 2017), que promove tessituras únicas e instáveis na cena local da saúde: ora esses fluxos se tocam, ora divergem, ora friccionam, ora colidem em uma relação entre neocolonialismo, individualismo, solidariedade, cidadania, resistência e tantos devires possíveis.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Leila. 2000. Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na nova era. Editora Vozes.
- BAIARDI, Amílcar; TEIXEIRA, Francisco. 2010. O Desenvolvimento dos Territórios do Baixo Sul e do Litoral Sul da Bahia: a Rota da Sustentabilidade. Salvador - Perspectivas e Vicissitudes.
- BROOKE, James. 1993. Brazilian Rain Forest Yields Most Diversity for Species of Trees - In: The New York Times March 30, 1993. Disponível em: (<https://www.nytimes.com/1993/03/30/science/Brazilian-Rain-Forest-Yields-Most-Diversity-For-Species-Of-Trees.html?smid=fb-share&fbclid=Iwar0q0xn3292hwwvoovhjyky2o8ewcrmjreqkgkt5trztptomtb8rbtp>)
- DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). 2000. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 211 p.
- INGOLD, Tim. 2000. The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill. London and New York: Routledge.
- INGOLD, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos. Vol. 18 n 37 Porto Alegre.
- KOTTAK, Conrad. 2009. The Changing World. The Globalization of a Brazilian Fishing Community. Bulletin of the General Anthropology Division, Volume 16, Number 1, Spring.
- LATOUR, Bruno. 2012. Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-Rede (GCC de Sousa, Trad.). Salvador: EDUFBA.

LITTLE, Paul E. 2003. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. Universidade de Brasília (Unb), Anuário Antropológico.

OLIVEIRA, F. C. 2017. Carne quebrada, osso rendido, nervo ofendido—encontro de saberes para curar maus encontros. Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, 3(3).

SILVEIRA, João Paulo De Paula; SOFIATI, Flavio Munhoz. 2016. Ecologia e espiritualidades na modernidade tardia: Da trivialidade à ética da sustentabilidade. Cienciassociales y religión/ Ciências sociais e religião, Porto Alegre, Ano 18, N. 24, P. 173-190.

SILVERA, Iacy P. 2020. (Eco)logias do cuidado: Saúde, natureza, e sociabilidade em Serra Grande, Uruçuca – BA. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFBA, Salvador.

TAVARES, Fátima. 2012. Alquimistas Da Cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos. Salvador, Edufba.

TAVARES, Fátima. Rediscutindo Conceitos Na Antropologia Da Saúde: Notas Sobre Os Agenciamentos Terapêuticos. In: Mana 23(1): 201-228, 2017.

TAVARES, Fátima; CAROSO, Carlos. 2018. Is It Still Possible to Talk About Nova Era Therapeutic Religiosities? International Journal of Latin American Religions.

WOORTMANN, Klaas. 1990. “Com Parente Não se Negueia” O Campesinato Como Ordem Moral. Anuario Antropológico/ 87, Brasília – DF.